



Representação
da UNESCO
no Brasil

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

TECNOLOGIA,
INFORMAÇÃO
e INCLUSÃO

TICs nas ESCOLAS

V. 4, n. 4, 2008

JUVENTUDE E INTERNET

BR/2008/PI/H/16

O caso de três jovens brasilienses

A UNESCO apresenta *Tecnologia, Informação e Inclusão*, uma série de folhetos destinada a jornalistas atuantes na mídia comunitária, estudantes e ao público em geral. Seu objetivo é estimular a disseminação de informação e o debate sobre a contribuição das novas tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento social no Brasil. A série é composta por vários volumes temáticos apresentados em folhetos que tratam, em linguagem jornalística, de aspectos específicos de cada tema. Os volumes e seus respectivos folhetos são descritos abaixo.

A jornalista *Thais de Mendonça* elaborou os folhetos das primeiras quatro séries. Os folhetos foram revisados pela equipe da *Coordenação de Comunicação e Informação* e pela *Assessoria de Comunicação da UNESCO no Brasil*.

Comentários e sugestões poderão ser enviados a <http://www.unesco.org.br/faleconosco/form_fconosco>

Um terço dos jovens de 15 a 17 anos são internautas, segundo os dados do IBGE. Nesse grupo, quase 40% dos brasileiros já tiveram contato com a rede mundial dos computadores. Outros 60% ainda permanecem longe dos teclados. É o caso das irmãs Eujácia e Eugênia de Oliveira Silva, de 17 e 16 anos, que moram no Novo Gama, cidade da periferia de Brasília, a uma hora do centro da capital federal.

Elas vivem com a mãe e uma irmã mais nova em uma casa de apenas três cômodos: quarto, sala-cozinha e banheiro. O pai abandonou a família há oito anos, e a mãe, Ednalda Ferreira de Oliveira, 35, trabalha como empregada doméstica. A renda familiar é de um salário mínimo. A casa, situada nos fundos de um terreno de cerca de 20 metros quadrados, só tem as paredes externas, que ainda estão no reboco. Antes, Ednalda recebia um salário-escola de R\$ 120. “Deu para construir o nosso lar”, diz ela, contando que há seis meses o governo suspendeu o auxílio, sem justificativa.

Eujácia está no 3º ano do ensino médio, e Eugênia, no segundo. As três meninas cuidam da casa, cujos cômodos são separados por cortinas. A mãe e as filhas dormem juntas no único quarto. Eugênia chegou a fazer curso de digitação, seis anos atrás, na escola, mas diz ter esquecido tudo, “por falta de prática”. Eujácia e Eugênia nunca tiveram computador. Os professores costumam pedir pesquisas, e elas sentem falta da internet. Então socorrem-se com os colegas ou usam uma *lan house* da vizinhança.

“Outro dia, tive que fazer uma pesquisa sobre educação física. Pedi ao funcionário da loja para acessar para mim. Se eu mesma fosse procurar, ia demorar uma década”, relata Eugênia. Pagou R\$ 1,50 pelo tempo utilizado

VOLUME 1 Acesso às Novas Tecnologias

- 1.1: Brasil no rumo da inclusão
- 1.2: O papel das ONGs
- 1.3: O papel do governo
- 1.4: Telecentros no país

VOLUME 2 Informação para Todos

- 2.1: Acesso do portador de necessidade especial
- 2.2: Telecentros acessíveis
- 2.3: Acesso muda a vida das pessoas

VOLUME 3 Computador na Escola

- 3.1: A dura realidade das escolas
- 3.2: O futuro anunciado
- 3.3: Tecnologia e aprendizagem

VOLUME 4 Juventude e Internet

- 4.1: Sonho de jovem inclui emprego e um computador
- 4.2: Do maracatu atômico ao hip hop digital
- 4.3: Indígenas recriam a própria imagem em vídeo
- 4.4: O caso de três jovens brasilienses
- 4.5: Ameaça na rede

O que são “emos”?

O termo emo vem da palavra “emocore”, que por sua vez deriva de “hardcore”, e foi inicialmente utilizado para identificar músicas de estilo pop-rock com batida forte e letras melancólicas. A expressão deixou de referir-se somente ao ritmo musical e passou a ser a designação de tribo urbana composta principalmente por jovens de comportamento melancólico e identificados pelo uso de roupas escuras, franjas no cabelo, piercing e maquiagem escura nos olhos. Apesar da aparência estranha, os “emos” são românticos e gostam de expressar seus sentimentos.

no computador, dinheiro que, segundo ela, “poderia ser gasto em outra coisa mais urgente em casa”. Eujácia afirma que, no próximo ano, tem que fazer um curso de computação, de recepcionista ou de secretariado. “Senão não arrumo emprego”, constata, acrescentando que seu sonho é ser professora, como a irmã.

Guilherme Zaiden, 18, já chegou a ficar no computador um dia inteiro, levantar-se apenas para pegar um prato de comida e voltar para a frente da tela de novo até cair no sono. Para o morador de uma chácara no Guará – bairro de classe média de Brasília –, as tecnologias da informação e da comunicação são tão familiares que ele maneja programas e câmeras digitais sem nunca ter feito uma aula. O pai e a mãe, hoje separados, são professores de matemática e analistas de sistema.

Da noite para o dia Guilherme ficou famoso: ele divulgou no site You Tube (espaço livre para produção de conteúdo visual digital) nove vídeos idealizados, dirigidos e encenados por ele mesmo. O último deles, “Confissões de um emo”, alcançou mais de um milhão de acessos. O rapaz, que se formou no ensino médio, pertence a uma família moderna: tem cinco irmãos dos diferentes casamentos dos pais, com os quais afirma se dar bem.

A casa de Guilherme é confortável e fica em um terreno de mil metros quadrados. Tem dois quartos, dois banheiros, jardim e piscina. A renda familiar chega a R\$ 6 mil. A primeira vez em que o jovem teve contato com um computador não foi em casa, mas no colégio, em 1997. “Era tudo novo, a internet estava surgindo. Achei tudo fácil”, diz. “Eu gosto muito da internet porque



Foto: Thais de Mendonça

todo mundo pode se comunicar. Não imagino a minha vida sem o Orkut.”

Para fazer os vídeos, usou primeiro a câmera digital emprestada da avó, “uma pessoa muito conectada”, segundo ele. Não se considera uma pessoa ligada em tecnologia e exemplifica: caiu na piscina com o celular novo no bolso e estragou a câmera depois de colocá-la para carregar em cima do microondas. Entretanto,



Guilherme acha que “computador é essencial para a vida. Quem não tem acesso, perde a oportunidade de conhecer gente, de fazer amigos”.

O sonho do rapaz é entrar em um curso de teatro e se profissionalizar. No momento, está aguardando o resultado de alguns contatos em São Paulo, onde quer morar em breve. Ele acha a internet “democrática”, embora recomende que se deva tomar cuidado:

“Quando vejo uma página racista, acho ruim. Penso que a internet é uma prolongação da vida. Quem é racista na vida, é racista na internet. Para mudar a internet, tem que mudar as pessoas”.

Os estudos do IBGE mostram que fatores como renda e escolaridade são relevantes na determinação da população que terá ou não acesso às tecnologias. O nível de instrução dos internautas brasileiros é de mais

JUVENTUDE E INTERNET

de dez anos de estudo, enquanto o rendimento mensal se situa na faixa de R\$ 1 mil; já os não-conectados têm renda média de R\$ 333. O Distrito Federal, com duas vezes mais usuários de computador (41,1% do total da população) que o segundo colocado, São Paulo (29,9%), está

bem longe de Alagoas – o estado de menor número de internautas –, onde apenas 7,6% têm acesso. O caso das duas irmãs do Novo Gama e do jovem do Guará demonstram o que os números apontaram: o contexto em que se manifestam a exclusão e a inclusão digital no Brasil.

Questões para discussão (para leitores e jornalistas)

Que diferença você acha que faz na vida dos jovens de hoje um computador ligado à internet?

Em sua opinião, há uma proporção grande de jovens de sua comunidade que utiliza a internet para se relacionar com outros jovens?

Em sua comunidade, quais são os pontos preferidos para encontro de jovens?

Para saber mais

<<http://www.converse.org.br>>

<<http://www.paulofreire.org.br>>

<<http://www.historianet.com.br>>